



BLUMENAU
EM CADERNOS

TOMO XVIII — No. 9

Setembro de 1977

CANTO DOS COOPERADORES

A Fundação "Casa Dr. Blumenau" torna público o seu sincero agradecimento pelo generoso apoio financeiro, de estímulo à publicação desta Revista, recebido de:

Artur Fouquet - Blumenau
Cremer S/A. - Produtos Têxteis e Cirúrgicos - Blumenau
Cia. Comercial Schrader S/A. - Blumenau
Companhia Industrial Schlösser S/A. - Brusque
Companhia Souza Cruz Indústria e Comércio - Blumenau
Conrado Ildefonso Sauer - Rio de Janeiro
Consulado Alemão - Blumenau
Dr. Werner Klein - Cirurgião Dentista - Blumenau
Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A. - Blumenau
Elmar Seidelmann - Blumenau
Electro Aço Altona S/A. - Blumenau
Fritz Kuehnrich - Blumenau
Fundação Teófilo Zadrozny - Blumenau
Georg Traeger - Blumenau
Indústria Têxtil Companhia Hering - Blumenau
João Felix Hauer - Curitiba
Lojas NM Comércio e Ind. Ltda. - Itoupava Seca - Blumenau
Lindner, Herwig, Shimizu - Arquitetos - Blumenau
Madeira Odebrecht Ltda. - Blumenau
Malharia Blumenau S/A. - Blumenau
Malharia Maju S/A. - Blumenau
Moellmann Comercial S/A. - Blumenau
Relojoaria e Ótica Schwabe Ltda. - Blumenau
Sul Fabril S. A. - Malharia e Confecções - Blumenau
Tipografia Baumgarten Ltda. - Itoupava Seca - Blumenau
Tabacos Brasileiros Ltda. - Blumenau
TEKA - Tecelagem Kuehnrich S/A. - Blumenau
Tipografia Centenário Ltda. - Blumenau
Transportadora Blumenauense Ltda. - Blumenau
Buschle & Lepper S. A. - Indústria e Comércio
Garden Terrace Hotel
Casa Flamingo Ltda.
Banco do Estado de São Paulo S. A. - Banespa
Imobiliária "DL" Ltda.
Casa de Móveis Rossmark S. A.

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XVIII

SETEMBRO DE 1977

Nº. 9

— S U M Á R I O —

| | Página |
|---|--------|
| Genealogia — Os Colonizadores do Vale do Itajaí | 270 |
| A Devolução pelos Espanhois da Ilha de Santa Catarina | 275 |
| Estante Catarinense | 278 |
| Catarinenses são campeões Sul Brasileiros de Tiro ao Alvo | 279 |
| A história de um bugre ofendido | 280 |
| Politica e Politicos de atanho | 283 |
| Subsidios à Crônica de Blumenau | 285 |
| Centenário Religioso em Ascurra | 289 |
| Técnicas museológicas para alunos do 2º. grau | 291 |
| A opinião dos que nos visitam | 292 |
| Clube Filatélico de Blumenau | 294 |
| "Minha estada na Colônia D ^a . Francisca | 295 |
| IX Simpósio da Associação Nacional de Professores Universitários de História realizado em Florianópolis | 297 |

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundação de J. Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina

Propriedade da FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU

IMPRESSO EM OFICINAS PRÓPRIAS

Direção: Honorato Tomelin

ASSINATURA POR TOMO (12 NÚMEROS) Cr\$ 30,00

Número avulso Cr\$ 3,00 -- Atrasado Cr\$ 5,00

Assinaturas para o exterior Cr\$ 30,00 mais o porte Cr\$ 100,00 total Cr\$ 130,00

Alameda Duque de Caxias, 6. - Caixa Postal, 425 - Fone: 22-1711

89.100 - B L U M E N A U - S A N T A C A T A R I N A - B R A S I L

GENEALOGIA

— JEAN R. RUL —

OS COLONIZADORES DO VALE DO ITAJAÍ — II

Conforme anunciado em nossa edição de julho, escolhemos a família Deschamps para iniciar esta série de estudos sobre os primeiros colonizadores do Vale do Itajaí. Não queremos com isto afirmar que seja esta a primeira família alemã que aqui veio se estabelecer. Escolhemos os Deschamps apenas porque sabemos que já se encontravam aqui em 1838 e não temos prova da permanência em nosso Vale de nenhuma outra família alemã antes daquele ano.

A migração dos colonos de São Pedro de Alcântara para o Vale do Itajaí se processou de uma maneira coletiva, um conjunto de famílias, ligadas entre si por laços familiares ou de amizade. Estes pioneiros da colonização alemã em nosso Estado já tinham sido logrados uma vez e não devem ter embarcado às cegas nesta nova aventura. Sem qualquer dúvida, um grupo deles, solteiros ou, pelo menos, so homens, deve ter vindo até aqui para dar uma olhada nestas terras, descritas como sendo de uma qualidade extraordinária. Viram que era verdade, porém, provavelmente já naquela ocasião, eles tomaram conhecimento do grave inconveniente: os bugres não estavam dispostos a abrir mão, pacificamente, de suas terras, reservas de caça e de seu sustento, em que viviam livres e felizes desde sempre.

Em São Pedro de Alcântara nunca houve qualquer problema com o indígena, mas as terras nada valiam. Aqui, as terras eram ótimas, mas, será que valia a pena arriscar a vida para possuí-las? Pode-se imaginar perfeitamente as discussões acaloradas dos colonos, alguns francamente contrários à vinda, outros fervorosos defensores do nosso Vale procurando convencer os indecisos, os que tinham receio de expôr mulheres e filhos às flechas mortíferas dos selvagens.

Apesar das promessas de Agostinho Alves Ramos e da garantia de vida dada pelo Governo com a colocação de pedestres nos arraiais, o número dos que tentaram a aventura foi pequeno e ainda assim, vários deles voltaram para São Pedro de Alcântara provando com isto que o Vale do Itajaí não era nada tranquilo nem sossegado.

FAMÍLIA DESCHAMPS — I

Nicolau Deschamps tinha 32 anos em 1828, quando embarcou para o Brasil, integrando a primeira leva de emigrantes alemães, provenientes da região do Reno, com destino da então Província de Santa Catarina. Em sua companhia vieram sua esposa, Catharina Eich,

com a mesma idade e, pelo menos, 3 filhos: Nicolau Júnior, Joanna e Pedro, respectivamente com 10, 7 e 6 anos de idade.

Desembarcaram em Desterro em novembro de 1828 e seguiram para São Pedro de Alcântara a 29 de março de 1829. No recenseamento feito naquela colônia a 1.9.1830, estas cinco pessoas da família Deschamps ali se encontravam e mais uma, a primeira de uma extensa lista de Deschamps brasileiros, nascida em 1829. Estas informações nos são fornecidas pelo Agrônomo Jacintho Antonio de Mattos, em sua obra "Colonização do Estado de Santa Catharina" editada em 1917.

É possível e provável mesmo, que o casal teve outros filhos nascidos entre 1822 e 1828 porém, neste caso, estes teriam falecido antes do embarque na Alemanha, durante a viagem ou já no Brasil, antes do recenseamento de setembro de 1830.

Mattos refere-se também a um outro imigrante que chegou a Desterro e subiu para São Pedro de Alcântara nas mesmas datas que Deschamps: João Klocker (Klock) e sua esposa Anna Maria Dechamp (Deschamps), ele com 38 anos, ela com 33. O que Mattos não diz é que Anna Maria era irmã de Nicolau Deschamps.

Pesquisando a vida de Nicolau e de sua irmã, não conseguimos descobrir de que lugar da Alemanha eles vieram. Diz o Padre Raulino Reitz em "Frutos da Imigração" pg. 185, que Nicolau nasceu em Bremen porém, à pg. 106 da mesma obra, ele afirma que nasceu na França. Mattos escreve que Nicolau era alemão e que a esposa de João Klocker era francesa. Enfim, o Professor Ostermann, em carta à seus pais, em 1853, escreve dizendo que os Deschamps são dos arredores de Saarbrücken.

Anna Maria Deschamps nos fala ela mesma da sua nacionalidade em seu testamento que reproduzimos resumidamente:

" Sou natural da Alemanha, filha de Antonio Deschamps e de Maria
" Deschamps. Fui casada em primeiras núpcias com João Gloque
" (Klock) de cujo matrimônio ficaram-me os bens todos por não ha-
" ver filhos. Fui casada em segundas núpcias com Nicolau Vaerene
" (Werner?) e deste matrimônio não houve filhos como no primeiro.
" Deixo meus bens, metade para meu irmão Nicolau Deschamps e João
" Deschamps e 50.000 a cofre desta nossa igreja de São Pedro e duas
" missas cantadas por mim e pelo meu marido João Gloque e mais uma
" missa a Sto. Antonio. Peço ao Padre Gattone e a João José Pereira
" de serem meus testamenteiros. 20 de janeiro de 1863. assinado: An-
" na Maria Deschamps.

Este documento esclarece a dúvida da nacionalidade de Anna Maria e nos informa que ela era irmã de Nicolau, porém nos traz novas dúvidas. Uma delas: o nome do pai, que ela diz ser Antonio enquanto que em dois assentos de batizados de filhos do irmão dela, o avô consta chamar-se Nicolau.

O testamento foi escrito por outra pessoa e assinado por Anna Maria, o que explica a grafia errada dos nomes. Talvez seja esta a

razão do texto ser tão confuso, pois não se entende o que ela quer dizer com: "meu irmão Nicolau Deschamps e João Deschamps". Será que ela ditou em alemão e o escrivão pouco ou nada entendia desta língua? É possível que ela tenha citado o irmão Nicolau e se tenha lembrado em seguida que o nome completo dele era João Nicolau ou Nicolau João e procurou retificar, o que o escrivão não entendeu direito. Mera suposição evidentemente. Tomando conhecimento do próprio inventário é que se poderia saber o que ela tinha em mente, infelizmente, este documento não foi encontrado.

Anna Maria deve ter falecido em novembro de 1873, pois a 18 daquele mês e ano foi o testamento apresentado ao juiz de Itajaí por Nicolau Deschamps. Quanto a seu segundo marido, Nicolau Werner — se for este o nome dele — não conseguimos identifica-lo e não parece pertencer à família Werner de Itajaí.

Convém alertar aqui, que os dois esboços de genealogia da família Deschamps, publicados em "Famílias Brasileiras de Origem Germânica", tomo II pg. 279 e tomo IV pg. 610, não podem servir de base para identificação dos pais, nem dos filhos de Nicolau Senior, pois ocorreram ali equívocos de filiação que tornam estes esboços inaproveitáveis.

Nicolau Deschamps, que chamamos de Senior para distingui-lo de seu filho Nicolau Junior não gostou de São Pedro de Alcântara e, após a divulgação da Lei nº. 11 de 1835, deve ter sido um dos mais fervorosos defensores da migração para o Vale do Itajaí. Ele conseguiu convencer seu cunhado João Klock, seu genro José Haendchen e outros colonos entre os quais João Pedro Werner, João e Mathias Schneider, Valentin e Jacob Theiss, Pedro Juchem e provavelmente também Pedro Müller e João Klerbach. Apenas não se sabe com exatidão em que ano eles vieram de São Pedro de Alcântara para Itajaí e de lá para Belchior, porém deve ter sido em 1837 ou princípios de 1838, isto bem entendido, se vieram todos juntos o que não está confirmado, apesar de bem provável.

A família de Nicolau Senior tinha crescido pelos nascimentos em São Pedro de Alcântara de 4 filhos nos anos de 1829, 1832, 1834 e 1836 ou 37. Em Belchior nasceram os dois últimos filhos em 1840 e 1843, ambos batizados em Itajaí em 1838 porque a 20 de setembro daquele ano faleceu uma de suas filhas, que foi sepultada no cemitério de Itajaí e, a 2.11.1838, ele e sua esposa foram padrinhos em Itajaí, de um neto ali batizado.

Vários colonos alemães que com Deschamps se estabeleceram na região de Belchior, abandonaram o arraial em 1843, devido às incursões dos bugres. O próprio filho de Nicolau, Nicolau Junior e o genro José Haendchen, voltaram a São Pedro de Alcântara após maio de 1843. João Pedro Werner, que tinha vindo com 8 filhos e que batizou mais um em Itajaí, regressou também para São Pedro de Alcântara e o mesmo deve ter acontecido com Pedro Müller.

Nicolau Deschamps Senior, os Schneider, os Theiss, Peter Juchem, João Klock e João Kerbach não fugiram e permaneceram em Belchior. Eles formaram o primeiro núcleo da colônia alemã no Vale do Itajaí e podem ser considerados os verdadeiros pioneiros da colonização deste Vale. Levou vários anos antes da vinda definitiva de outros colonos de São Pedro de Alcântara.

Temos uma ótima descrição da fazenda de Nicolau Senior no livro "La Province de Sainte Cathérine", de Charles Van Lede, que, nesta obra reproduz todas suas observações feitas durante a exploração que fez dos rios Itajaí Açú e Mirim, em abril de 1842:

" O sítio do colono alemão Nicolau tinha plantações de arroz, milho, cana de açúcar e mandioca. O colono Nicolau possui uma bela pedra de amolar proveniente do lugar chamado "Pedra de Amolar de Cima". O asseio de sua casa, os instrumentos agrícolas, a abundante provisão que ali havia, a abundância e a felicidade de que ele e os seus pareciam gozar, levaram a lembrar-nos da Bélgica e fizeram compreender-nos a importância da empresa que tínhamos de levar a termo. Não pudemos esquivar-nos de comparar a miséria dos nossos com a abundância dessa família alemã, como eles, ainda há pouco tempo vivendo em privações e hoje tão felizes . . . quando vieram anunciar que o almoço estava na mesa. Em meio dessa mata virgem, o repasto europeu produziu-nos sensível prazer; terminamo-lo em poucos minutos e deixamos o colono Nicolau com certo pesar, após o haver-mos forçado a aceitar alguma coisa paga de sua hospitalidade".

Outra referência que merece ser incluída neste estudo, é aquela que Ferdinando Ostermann, primeiro professor da Colônia Blumenau, faz em carta endereçada a seus pais na Alemanha, em 12.4.1853. Esta carta foi publicada no periódico alemão "Der Kolonist", de dezembro de 1853 e em "Blumenau em Cadernos" no Tomo VII pg. 204. Reproduziremos apenas algumas passagens da mesma:

" . . . até o dia 1º deste mês ou trabalhei constantemente com o Dr. Blumenau. . . . a 1º de abril eu deixei Blumenau e fui para casa de uma família que mora umas duas horas da Colônia Blumenau, rio abaixo, para trabalhar como professor particular. Essa família se chama Deschamps, e procede da parte alemã da França, nas proximidades de Saarbrueck, e já está aqui no país desde 1826 (deve ser 1828); Ela chegou aqui tão pobre como quase todas as famílias alemãs que vem para cá. Nos primeiros 3 anos teve que lutar com grandes dificuldades, de que a gente agora nem se lembra. Pelo seu esforço e pela sua atividade, chegou a uma situação que se pode chamar de abastada. Ela possui 30 geiras, em um complexo de terras muito bem situado, das quais 4 geiras derrubadas e cultivadas. Ali existem moradias bonitas e sólidas, quase que á moda e no estilo alemão. Próximo a elas existem currais para porcos e galinheiros, jardim, cafezal e outras árvores frutíferas. Tudo isso junto a um grande pasto com 40 cabeças de gado, alguns cavalos, porcos, patos e galinhas. Esse

“ pasto, é separado das plantações por uma cêrca. Plantam cana, man-
“ dioca, milho, feijão, etc.. Neste ano, só a plantação de cana rendeu
“ na fabricação de açúcar e de cachaça mais ou menos 600\$000. Aque-
“ la gente vive completamente sem cuidados e muito bem. Eu tenho
“ quatro dos filhos na aula, dos quais o mais moço tem 11 anos. Fe-
“ nho que ensinar-lhes as primeiras letras, pois eles pouco sabem de
“ ler e escrever e contar. Ao mesmo tempo continuo minhas funções
“ de pregador na Colônia Blumenau. . . . (assinado) Fernando Cs-
“ termann (Professor de Obergebra, em Nordhausen) ”.

Além de ter sido um dos pioneiros da colonização do arraial de Belchior, foi Nicolau Deschamps Senior ainda o principal incentivador da construção da primeira capela católica, junto com Frederico Guilherme Schramm. Este tinha chegado da Europa em 1848 com sua família e sentira falta de uma igreja. Com a ajuda dos outros colonos, construíram a primeira capela do Vale do Itajaí, edificada na margem esquerda do Rio, quase em frente à grande figueira da margem direita, onde até ha poucos anos existia uma parada da estrada de ferro com o nome "Figueira". A capela foi inaugurada em 1850.

Quando em 1860 o Padre Gattone veio morar em Belchior, ele ficou residindo na casa de Deschamps. Diz Frei Ernesto Emmendoerfer, que Nicolau Deschamps morava acima da grande figueira, que tinha pequeno negócio e hospedaria e que prestou bons serviços como tesoureiro da paróquia de Gaspar durante muitos anos. Suas terras no município de Gaspar serviam de referência para indicar os limites das paróquias de Blumenau e de Gaspar e, mais tarde, as divisas dos dois municípios.

Catharina Eich, esposa de Nicolau, faleceu a 28.6.1862 com a idade de 66 anos. Ela era filha de Pedro Eich e de Maria. Nicolau Deschamps Senior atingiu a idade de 91 anos, falecendo a 24.1.1887. Ambos foram sepultados em Gaspar, porém os túmulos não existem mais, pois não foram transferidos quando da remoção do cemitério velho, facto bastante lastimável.

O casal teve no mínimo 9 filhos:

F1 — Nicolau Junior, 1818-1880

F2 — Joanna, 1821-1886

F3 — Pedro, 1822 - ?

F4 — Catharina, 1829-1838

F5 — Frederico, 1832-1914

F6 — João, 1834-1889

F7 — Antonio, -836/37 - 1910

F8 — Gertrudes 1840-1842

F9 — Luiz, 1843-1896.

Duas meninas faleceram pequenas e um rapaz — Pedro — parece ter ficado solteiro, porém os seis outros deixaram uma descendência consideravel, não só em nossa região, porém também em São Pedro de Alcântara e cercanias. Tentaremos apresentar esta descendência, até onde for possível, em nosso próximo número.

A Devolução pelos Espanhois da Ilha de Santa Catarina em 1778

Cópia do ato de recebimento da Ilha de Santa Catarina, celebrado entre o Sr. Francisco Antônio da Veiga Cabral da Câmara e D. Guilherme de Vaughan

(DR. OSWALDO RODRIGUES CABRAL)

(continuação)

"Francisco Antônio da Veiga Cabral da Câmara, Fidalgo da Casa da Rainha Fidelíssima e Governador da Capitania de Santa Catarina em observância das Reaes Ordens da mesma Soberana e dos Seus Poderes delegados pelo Ilustríssimo Senhor Marquês do Lavradio, Vice-Rei do Brasil, recebeu de Guilherme de Vaughan, Cavaleiro da Ordem de São Thiago e Mariscal de Campo dos Exércitos de Sua Majestade Católica, em consequência também das Reaes Ordens deste Soberano e dos Seus Poderes delegados pelo Excelentíssimo Senhor Vice-Rei Dom Pedro de Cevalhos, a Ilha de Santa Catharina, com todas as suas Fortalezas, Artilharia, Munições e mais feitos existentes nos Armazens Reacs; e para que conste a satisfação que o dito Governador e o Mariscal de Campo deram pelas suas Comissões ao disposto no Artº. 22 do Tratado Preliminar de Paz e de limites, ratificado por Suas Majestades Fidelíssima e Católica em 10 de outubro de 1777, mandaram fazer este e o assiraram e selaram com os sinetes das suas Armas na Vila de Nossa Senhora do Desterro da mesma Ilha, a 30 de julho de 1778. — FRANCISCO ANTÔNIO DA VEIGA CABRAL DA CÂMARA — GUILHERME VAUGHAN".

DIFICULDADES NA ENTREGA DA ILHA — Carta do mesmo VICE-REI ao GOVERNADOR

"Tenho recebido duas cartas de V. S., a primeira datada de 14 de julho e a segunda do dia 17 do mesmo mês. A primeira em que V. S. me participa ter chegado o Navio de Guerra Castelhana "Setentrião" e a Fragata "Sta. Izália", hua Cruveta e que se observa ao sul da barra o Navio "Tigre", que veio depois a entrar pela do Norte, e que se acham todos ancorados defronte das Fortalezas de Santa Cruz e Ponta Grossa. Participa-me V.S. igualmente o recado do Mariscal de Campo Vaughan, da participação da chegada das mesmas embarcações e do que ele supunha a respeito da entrega das Fortalezas da Conceição da Barra e da Conceição da Freguezia da Lagoa e que, em consequência daquela participação mandara V. S. marchar os Destacamentos que as deviam ocupar.

Que no dia 11 foram entregues os sobreditos Fortes às nossas tropas, ficando debaixo das ordens de V.S., fizeram os protestos a que sempre dão causa, a menos boa fé que aquela Nação trata, tem tratado e sempre tratará conosco.

Que V. S. deixara ficar a Antônio da Rosa por assim ser preciso para melhor se poderem executar as providências que a que V. S. eram precisas dar em semelhante circunstâncias. Diz-me V. S. ter-me mandado pedir o Mariscal de Campo Vaughan, a carta em que V. S. me recomenda o concerto da Begonha que V. S. lhe remeteu. Do mesmo modo me participa V. S. ter mandado receber a nova Armação do Norte à qual mandaram entregar os mesmos Castelhanos, depois de terem embarcado o azeite que ali tinham feito.

Diz-me V. S. o detalhe que faz dos Officiais e Tropas para ficarem comandando as Fortalezas, especificando os que vão para cada uma delas. Ultimamente, me participa V. S. o obséquio que deveu ao Tenente General D. Pedro Zermenho e a D. Antônio Ozorro, comandante do 'Setentrião', e da divisão que entrou nessa Ilha, e que, segundo o que V. S. imagina, tudo se dispoem a conclusão da entrega da Ilha e suas dependências; e que este era o estado em que as coisas se achavam até o dia 14 de manhã, em que V. S. me escrevia.

Achando-me para responder a V. S. este Offício, recebo o segundo datado de 17 e como por ele vejo as coisas em diferente figura ou ao menos o inquieto espírito de Dom Pedro de Cevallos tem querido perturbar a boa fé e sinceridade e amizade com que uns e outros vassallos procuramos executar as ordens dos nossos soberanos a fim de nos aproveitarmos das justas e santas intenções dos mesmos Augustos Senhores, gozando aquele socego e tranquilidade em que eles mostram procurar que vivemos os que temos a honra de sermos seus vassallos; só a respeito daquele Offício não diria a V. S. mais que louvar-lhe infinitamente o acerto com que tudo se tem executado e que sendo as intenções da Rainha Minha Senhora que desapareça do ânimo dos seus Vassallos tudo o que for espírito de discórdia ou menos amizade e boa fé com os vassallos de S. Magestade Católica, V. S. pela sua parte fará o quanto for possível e o permitir o decoro e respeito que devemos aos nossos Agustissimos Amos de modo que possamos mostrar ao Mundo que em nossas ações continuam aquella boa fé com que sempre nos temos conduzido; e passando a responder o sobredito Offício de 17, o faco da forma seguinte:

Não me hé impossível acreditar a mudança que tivesse qualquer negócio que se achasse ajustado de boa fé e sinceridade, logo que pudesse ter interferência nele D. Pedro de Cevalhos: — o desmedido orgulho daquele Official, a falta de boa fé que sempre tem tratado; as crueldades que farão eterna e abominável a sua Memória, o tem abilitado (sic) no conceito de todo o Mundo para ser o primeiro móvel das maiores iniquidades. O que V. S. respondeo na prática que teve com o Ajudante das Ordens, D. Caetano Aleman, foi de todo acerto e com aquella pureza e verdade que temos tratado todo este negócio e agora que este último Tratado se puderam os Espanhóis verificar de quais sejam as intenções em que os nossos Amos se acham e quanto estranho lhe será que nós retardemos por caprichos particulares a

execução das Suas Reais Ordens. A entrega dos Navios é inteiramente separada de tudo o mais. O tratado determina com toda a clareza o que e o como devemos fazer todas as entregas e os que temos a honra de ser os executores das Reais Ordens não podemos de nenhum modo alterar o que elas determinam. Eu espero que a Ilha seja entregue; e como os Officiaes de S. Magestade Católica tem tanta honra e merecimento como V. S. me repete, elles não deixarão de convencer-se da razão e de conhecer o quanto será desagradável a SS. Magestades a demora de se executarem as suas Reais Ordens, sem outro fundamento que a indiscreção e mau ânimo de D. Pedro de Cevalhos tão prejudiciaes a ambas as Nações.

V.S. se conservará no sistema que tem estabelecido por ser o mais acertado e deste modo espero que tudo se concilie de sorte que eu possa ter o gosto de ver a V.S. sem muita demora. Deus Guarde a V.S. — Rio de Janeiro, 6 de agosto de 1778 — Marquês do Lavradio — Sr. Francisco Antônio da Veiga Cabral da Câmara.

O QUE FOI A DERROTA — Carta do mesmo VICEREI à vista das informações do GOVERNADOR

“Pela data das Cartas que V.S. receberá com esta, verá o tempo que há que eu tinha escrito a V.S. e respondido as que recebi suas, as quaes não tinham partido, por se não terem acabado as Bandeiras que V.S. me pediu e alguns outros justos motivos que causaram esta demora e como aquellas são as respostas dos Offícios que até aquelle tempo recebi de V.S. me reduzirei nesta a responder tão somente as últimas que recebi pelo Capm. José Maria Dontel, devendo principiar a minha resposta por Louvar e agradecer muito a V.S. o grande acerto com que conduziu toda a negociação que foi precisa para os Castelhanos evacuem essa Ilha, cujo negócio tinha procurado perturbar a sua conclusão o orgulhoso ânimo de D. Pedro de Cevalhos, ficando eu bem certo que as novas inquietações que ele nos procurava, poderiam ter o successo que ele imaginava, se eu tivesse dado a minha comissão a outro Official que não tivesse a dextriedade de V. S. e por consequência todo o socego e decência com que este importante negócio se ultimou é devido a V.S., à sua prudência, à sua arte e aos seus talentos, não poderá V.S. duvidar de quanto me será lisonjeira toda esta acertada ação pelo que V.S. em mim sempre tem conhecido a seu respeito.

Eu remeti para a Côrte a cópia dos Offícios demais circumstanciaes que V.S. me tem escrito sobre esta matéria, parecendo-me que elles podem informar melhor do merecimento de V.S. de que talvez eu pudesse explicar nos meus discursos; e igualmente enviei os dois Offícios que V.S. me remeteu para o Secretário de Estado Martinho de Melo e para o Conselho Ultramarino.

Vejo o que V.S. me diz a respeito do estado em que achou a

Ilha e as Fortalezas e as munições que lhe pertencia, pelas quais continuou V. S. a ver que esses infelizes homens que a entregaram aos Castelhanos é que pareciam mais castelhanos e nossos inimigos que aqueles que nós temos julgado como tais. Agora que V.S. tem pisado todo aquele terreno, reconhecido todos os lugares, examinado as munições e meios que havia naquela ilha para nela se fazer a mais gloriosa defesa, poderá avaliar a que ponto terá chegado a ferida do meu coração, tendo visto tão malogradas as minhas providências e trabalhos e que só com uma assistência de Deus muito particular poderei ter sufocado no peito os efeitos que tão penetrantemente tem dilacerado o meu Coração.

Do mesmo terá V.S. conhecido a desordem com que foram feitos os estabelecimentos dessa Capitania, o repreensível descuido de todos os Governadores que ela tem tido e o miserável estado a que se acha reduzida por falta de povoadores, de comércio e de todas as mais providências que poderá fazê-la útil aos seus habitantes, ao Rei e ao Estado; e não deixará V.S. de conhecer ser essa Capitania pela sua situação, pela qualidade do seu terreno, pela sua extensão, pelos excelentes portos que tem, como pelas suas muitas excelentes madeiras; e ultimamente até pelas admiráveis águas, ser essa uma Capitania que pode ao Soberano dar as maiores utilidades e que pode igualmente fazer a felicidade e a abundância de muitos vassallos e que esta pintura é a mesma que a V.S. fez, quando daqui partiu, dizendo-lhe que V.S. se devia considerar ir ser o criador e restaurador de toda aquela Capitania na qual eu julgava que V.S. poderia fazer a Rainha Minha Senhora e ao Estado os mais úteis e relevantes serviços. V.S. tem sempre a minha vontade para em tudo lhe dar gosto. Deus guarde etc... Rio de Janeiro, 22 de agosto de 1778. De V.S. muito verdadeiro amigo — Marquês do Lavradio — S. Francisco Antônio da Veiga Cabral da Câmara".

ESTANTE CATARINENSE

por Carlos Braga Mueller

HIPÓLITO DA COSTA, O PRECURSOR DA LIBERDADE DE IMPRENSA, de Adolfo Zigelli — Edição do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Santa Catarina — Agosto de 1977.

No dia 24 de março de 1974, no auditório da Reitoria da Universidade Federal de Santa Catarina,

um conferencista discorreu sobre o jornalista Hipólito da Silva. A sessão, promovida pela Liga da Defesa Nacional, era comemorativa ao bicentenário de nascimento daquele que acabou sendo o "patrono" do jornalismo brasileiro. O conferencista: Adolfo Zigelli, homem de imprensa, acos-

tumado às lides diárias do rádio e jornal, e por isso mesmo convocado para ocupar a Secretaria de Imprensa do Estado de Santa Catarina.

Desaparecido trágicamente em desastre aviatório há pouco mais de dois anos, Zigelli deixou muita coisa escrita; nenhuma publicada. Com muito carinho ele preparara o material daquele que seria seu primeiro livro: "As Soluções Finais", lançado pouco depois da sua morte.

O Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Santa Catarina, que tem na presidência Moacir Pereira, acaba de prestar uma justíssima homenagem ao seu ex-associado Zigelli: incluiu no encerramento das comemorações da "Semana da Pátria" em Florianópolis, o lançamento de um

opúsculo, contendo a íntegra da conferência pronunciada no dia 24 de março de 1974, quando Adolfo Zigelli abordou com muita propriedade a figura interessante de Hipólito da Costa. Tão interessante, que vale a pena comprar o livrinho. Quem estiver interessado, pode entrar em contato com o Sindicato, Rua Deodoro, 22, 4º andar, Florianópolis. Segundo Moacir Pereira, novos lançamentos de jornalistas, vivos ou mortos, poderão ser feitos ainda durante a atual gestão. Para o presidente do Sindicato, deseja-se, sobretudo, valorizar a atividade profissional dos que estão no exercício da função de jornalista, ou que já prestaram sua contribuição à imprensa catarinense, como foi o caso do saudoso Zigelli com a presente obra.

CATARINENSES SÃO CAMPEÕES SUL BRASILEIROS DE TIRO AO ALVO

O Boletim nr. 4 da Federação Catarinense de Tiro ao Alvo, que vêm sendo arquivados com muito carinho em nossa Fundação, traz uma informação que muito honra o esporte catarinense e lhe dá expressivo destaque no âmbito nacional.

Trata-se da notícia da conquista, pela representação catarinense, do título de campeões sul-brasileiros de tiro ao alvo, na Segunda Etapa do VII Campeonato em desenvolvimento.

Individualmente, Santa Catarina conquistou três primeiros lu-

gares, através dos desportistas Carlos Melcher, com carabina de ar, com 365 pontos e com Carabina 3x40, com 1.063 pontos e ainda Luiz E. C. Uriarte, com fogo central, obtendo 577 pontos. O resultado final, apresentou a seguinte classificação por pontos:— Santa Catarina, 18 pontos, Rio Grande do Sul com 17 pontos e Paraná com 13 pontos.

Parabens à representação catarinense, cuja Federação de Tiro tem sua sede em Blumenau.

O certame realizou-se de 24 a 26 de junho último.

A história de um bugre ofendido

(José Gonçalves)

Quando eu era ainda bem jovem e começava a frequentar os bancos escolares, ouvia, da parte de meu pai e de outras pessoas amigas de sua idade, que presenciaram fatos ligados à colonização das margens do Rio Itajaí nos seus diversos afluentes, histórias de ocorrências, e algumas delas ficaram bem gravadas em minha memória.

Uma delas tinha relação com o trabalho que, por volta de 1905 a 1915, era realizado na localidade de Rio Plate, desenvolvido pelo então Tenente José Vieira da Rosa, mais conhecido na época por Tenente Rosinha e auxiliado por Eduardo de Lima e Silva Hoerhan, Dr. Strauch e outros.

Meu pai era empregado da Comissão que efetuava o trabalho de aproximação com os selvícolas, sendo encarregado de abrir picadas e usava consigo, sempre, uma bússola, a qual ou ainda tive oportunidade de conhecer muitos anos mais tarde. Ele foi um dos que mais amizade fez com os bugres, aprendendo inclusive um pouco da fala deles, sendo, mais tarde, quando o número deles era bem elevado vivendo na aldeia, chamado de 'caquê Lui', o que queria dizer "amigo Luiz".

Contava meu pai um fato espetacular acontecido naquele período, dentro da reserva indígena.

Trabalhava ali, realizando diversos serviços, um rapaz de cerca de 21 anos de idade, quando o fato aconteceu. Tratava-se de Aniceto Barcellos, um jovem ativo, irrequieto, valente, que desde menino apaixonara-se pela prática da "capoeira", tornando-se um exímio lutador. Com ele ninguém podia. Seus movimentos eram tão rápidos e coordenados que, num relâmpago, o seu adversário era derrubado com a rasteira certa que ele efetuava. O seu estilo de lutar era um estilo que ele próprio havia criado. Não lutava no corpo-a-corpo com ninguém. Esquivava-se com uma agilidade impressionante e, no contra-ataque, passava a rasteira no adversário, derrubando-o.

Assim, nas horas de folga nos fins de semana, quando o acampamento estava tranquilo, Aniceto procurava atrair para um espesso gramado que existia nas proximidades, diversos rapazes que com ele trabalhavam em outras tarefas, assim como jovens bugres, para praticarem ali a "capoeira". Ele, naturalmente, levava vantagem sobre todos, apesar de alguns outros colegas, aos poucos, começarem a adquirir a prática e o senso de defesa de seus contra-ataques. Mas os coitados dos bugres eram os que mais sofriam com o Aniceto. Ele os atraía para o tapete verde da grama e ali os derrubava continuamente, chegando, às vezes, a machucar um ou outro nas quedas de "mau jeito" que sofriam.

Um sábado à tarde, quando estava ele e outros colegas praticando esse esporte e divertindo-se com alguns bugres, outros apreciavam o desenrolar da brincadeira.

Dentre eles, encontrava-se um bugre ainda jovem, pois não possuía mais do que uns 27 anos, acompanhado de sua também jovem esposa, uma mulher de uns 22 anos e que possuía, realmente, traços de beleza pouco rara entre as mulheres dos botocudos em geral. Ela, além da beleza fisionômica, possuía uma bela silhueta, era bastante vaidosa nos cuidados consigo e andava sempre bem arrumada, naturalmente dentro das limitações que era possível na época uma mulher indígena ou não, vestir-se e arrumar-se bem. Mas, era a figura mais bela dentre todas as que compunham o acampamento, na ocasião. Por isso, era muito cobiçada inclusive pelos brancos, que a rodeavam constantemente. Mas ela era fiel ao esposo, ao qual amava muito e por isso sempre estava em sua companhia. Naquele dia o casal estava ali apreciando as disputas.

Aniceto era um dos que sempre procurava dirigir galanteios à bela índia. Mas nada tinha conseguido. Então, viu a oportunidade para dar à jovem uma demonstração de valentia e mostrar que seu bem-amado não passava de um fraco, um incapaz para a luta. Desafiou-o a que fosse para o meio do círculo e tentasse derrubá-lo. O índio negou-se. Mas, então todos começaram a insistir, chamando-o inclusive de medroso, com o que mexeram com os brios do rapaz. E lá foi ele para a luta. Está claro que Aniceto quase quebrou o índio de tantos tombos que lhe deu. Não lhe deu uma só chance em permitir-lhe que se atracasse com ele. Pois se o índio o pegasse ele estaria em maus lençóis. A sua força era respeitável. Mas não tinha agilidade. E por isso foi derrubado uma série de vezes até que resolveu fugir daquele inferno. Sua esposa o aguardava angustiada e ele saiu dali todo machucado, inclusive sangrando pelo nariz, resultado de uma das quedas sofridas.

O fato foi vivamente comentado no acampamento e Aniceto foi advertido de que não devia mais praticar aquilo sob pena de ser expulso do serviço.

Sua agilidade era tal que fazia, ainda, outras proezas. Havia no acampamento um bom número de coqueiros. Não eram, seus troncos, nem muito finos nem muito grossos. Aniceto subia nesses coqueiros para derrubar os cachos maduros. E, ao descer, fazia-o virado com a cabeça para baixo, ao contrário do que fazia ao subir. Ninguém compreendia como o rapaz podia fazer tal proeza. Mas fazia-o com admirável facilidade.

Depois daquela demonstração de violência contra o jovem índio, essas lutas foram se tornando mais moderadas. Os dias passaram, e já faziam mais de duas semanas que o índio havia sido machucado. Estava recuperado e tudo foi esquecido. Menos ele, e sua companheira.

Um dia de semana em que terminara suas tarefas mais cedo, Aniceto resolveu penetrar na floresta para conseguir colher alguma quantidade de cipó "linhaça", um cipó com casca preta e muito resistente, com o qual pretendia refazer a trama de sua cama. Naque-

le tempo usava-se muito camas semelhantes às 'camas de campanha' que hoje usa-se muito em acampamentos, que possui como base para deitar, uma lona fixada nas laterais e essas camas são dobráveis. Só que em lugar de lona, usava-se o cipó trançado.

Aniceto penetrou cerca de 500 metros mato a dentro. Já havia colhido boa quantidade de cipó e preparava-se para regressar pela picada, quando saltou à sua frente o índio ofendido, acompanhado pela jovem esposa. O selvicola tinha nas mãos o arco retesado, contendo uma flecha com ponta de osso, pronta para ser disparada e disse ao Aniceto que ia vingar-se do que ele lhe havia feito, disparando a flecha para atravessar-lhe o coração.

Aniceto, além de ágil fisicamente, era também muito inteligente e dotado de uma mentalidade capaz de um raciocínio muito rápido. E foi isso que lhe valeu conservar a vida naquela situação.

Os índios, em geral, trazidos para o meio civilizado, eram dotados de sentimentos e de inteligência que permaneceram mais ou menos com as características da adolescência. Apesar de crescidos e adultos, eles continuavam pensando mais na hora de comer e de dormir do que de fazer qualquer trabalho que lhes custasse algum esforço. E sempre que meu pai, encarregado também de adquirir pelas redondezas o gado necessário ao abate para o alimento da bugrada chegava ao acampamento com algumas reses, era recebido com festas pelos selvicolas, que já queriam que a rês fosse abatida na hora da chegada para começarem o festim. Por isso mesmo, sempre que era anunciada a chegada de "caquê" Lui ao acampamento trazendo gado, a correria era tremenda e todos iam ao seu encontro, chegando a abraçá-lo carinhosamente como que reconhecidos pelo presente que trazia, em forma de carne de gado.

Foi exatamente essa inspiração surgida na mente rápida do Aniceto, o que salvou-lhe a vida. Ele lembrou-se de disfarçar que estava respondendo a um chamado. Depois de colocar o dedo anular atrás da orelha, como querendo tornar a audição mais precisa, fazendo ao mesmo tempo um sinal de "pare" ao selvicola, com a palma da mão esquerda estendida em sua direção, ele emitiu um grito agudo como se fosse resposta, pondo as duas mãos em forma de concha ao redor da boca. E, ato contínuo, enquanto o bugre ainda estava sob a impressão da curiosidade já quase esquecido do ato a que se propunha praticar, Aniceto disse-lhe no melhor linguajar botocudo que pode arranjar para aquele momento difícil: "Estão avisando que amigo Luiz está chegando com muitas vacas para vocês".

Agindo como verdadeira criança, o bugre e sua mulher não esperaram mais nada. Ele desarmou o arco, guardou a flecha e disparou pela picada, segurando a mão da esposa. Aniceto também não perdeu tempo. Fez o sinal da cruz em agradecimento a Deus por lhe ter dado aquela inspiração e, pondo sobre os ombros a rodilha de cipó que havia colhido, tomou outra picada, procurando chegar se não primeiro pelo menos ao mesmo tempo que o bugre e sua mulher.

Ao chegar ao acampamento o bugre só então compreendeu o quanto fora ingênuo. Mas já era tarde para retornar e apanhar Aniceto, já que este, por sua vez, também chegara ao acampamento.

Dali em diante, Aniceto passou a ter o maior cuidado, nunca mais afastando-se sozinho pelas florestas. E pouco tempo depois desse acontecimento, deixou o trabalho, mudando-se para outro lugar, a fim de evitar ser vítima da flecha do bugre que o marcara para sempre como seu inimigo implacável.

Política e Politicos de antanho

AYRES GEVAERD

(continuação)

A 30 de agosto de 1891, na primeira eleição popular, verificada em Brusque, elegeu-se Superintendente Municipal, Carlos Renaux com 57 votos, permanecendo a mesma Intendência e mais o cidadão João da Silva Mafra. No ano seguinte, 20 de Novembro, atendendo ao artigo 73 da Lei nr. 44 do mesmo ano, procedeu-se a eleição da Câmara para o quadriênio 1.1.1893 a 31.12.1896, que ficou assim constituída: Batista Rudolph, Cristiano Becker, Guilherme Krieger, João F. da Rocha e Nicolau Lauritzen.

No cargo de superintendente, além do titular, exerceu as funções o suplente Nicolau Gracher.

Adriano Schaefer foi o superintendente a seguir até 1898, quando foi eleito, a 13 de Novembro, Carlos Luiz Gevaerd. Não existem elementos seguros que atestem a permanência de Carlos Luiz Gevaerd no cargo durante todo o período. Nicolau Gracher e João Bauer, por exemplo, exerceram o mandato como substitutos legais, tendo o primeiro assinado com

Carlos Renaux a 20 de setembro de 1900 contrato para instalação de pequena via férrea que partia da então barcaça, situada nas proximidades da atual ponte Irineu Bonhausen, até a Pomerânia, local da recém-fundada Fábrica Renaux. Nicolau Gracher faleceu em pleno exercício do cargo, sendo eleito para substituí-lo, por quasi um ano, Guilherme Krieger.

Carlos Kühne foi eleito a 7 de Dezembro de 1902, assumindo a 7 de janeiro de 1903, várias vezes substituído por Guilherme Krieger, Nicolau Lauritzen e Guilherme Kormann. Carlos Kühne também faleceu no exercício da superintendência, substituído a 12 de julho de 1903 por Carlos Renaux já com o título de Tenente Coronel, exercendo ainda as funções em seu impedimento ocasional Vicente Schaefer.

A 2 de Dezembro de 1906, Guilherme Krieger foi novamente levado ao alto cargo que assumiu a 1º de janeiro de 1907 e com ele o seguinte Conselho: João P. da Silva Mafra, Guilherme Rich Jr.,

Luiz de Marchi, Joaquim E. Regis, Carlos Renaux.

Guilherme Krieger foi reeleito por mais um período de 4 anos e, finalmente, a 2 de agosto de 1914, seu tradicional antagonista, Carlos Renaux, substitui-o, conseguindo 439 votos contra 208 de Guilherme Krieger. No próprio dia da posse o novo titular assinou ato designando para seus substitutos legais: 1. Otto Renaux. 2. Godofredo Mosimann e 3. Guilherme Kormann e no dia 8 de Novembro de 1915 renunciou ao cargo, passando-o a Otto Renaux.

x x x

A liderança política em Brusque, no período compreendido entre 1890 a 1915, um quarto de século, foi disputado pelos srs. Guilherme Krieger e Carlos Renaux.

Nesse tempo Guilherme Krieger possuía grande e movimentada casa comercial (atual prédio das Lojas Renaux), exportava produtos agrícolas para os mais importantes centros comerciais do País e importava, em regular escala, as mais variadas mercadorias da Alemanha.

Carlos Renaux, por sua vez, desenvolvia em ritmo progressivo sua indústria têxtil. Como deputado estadual, ponto alto de sua carreira política, participou em 1891 da primeira Assembléia Constituinte Estadual. Ambos com destaque na Sociedade de então, notadamente no "Schützen Verein", no qual desempenharam por várias vezes as funções de presidente. Vale a pena registrar que era na tradicional festa de Páscoa do centenário Clube dos Atiradores, que durava três dias, que nossos ilustres ho-

mens públicos esqueciam, temporariamente, suas brigas política. Aliás, a confraternização, na famosa festa, era geral. Festa de âmbito municipal, durante pelo menos 75 anos, era reunião obrigatória das famílias de Brusque, destacadas e humildes.

x x x

Propus-me registrar algumas ocorrências verificadas na então vila de Brusque, visando destacar o grau a que chegaram os melindres sociais e políticos de nossos dois líderes, aos quais, cumpre notar, muito deve Brusque:

A solenidade da transmissão dos altos cargos da administração municipal, naqueles tempos, sem dúvida, era concorridíssima: autoridades, convidados especiais, Banda Condição, foguetes, passeata pelas principais ruas da vila, terminando, como não podia deixar de ser, no Schütze Haus, ou casa dos Atiradores.

Passados os primeiros dias de relativa calma, as flechas eram desfechadas mutuamente, com mais agressividade, ao que se pode concluir, da parte do sr. Tte. Cel. Carlos Renaux.

Até 1912, por falta de jornal local, as notícias eram geralmente publicadas no "O Novidades", além de outros, da capital, Blumenau e Joinville: sociais, religiosas, políticas e oficiais.

No dia 22 de Novembro de 1905 inaugurou-se a ponte metálica "Vidal Ramos", acontecimento de extraordinário destaque, que contou com a presença do Cel. Pereira e Oliveira, representando o Governador do Estado e comitiva. Carlos Renaux proporcionou aos visitantes excursão pe-

lo rio, a bordo da lancha "Selma", reconduzindo-os depois de encerrada a festa à cidade de Itajaí.

A ponte custou aos cofres públicos 45.292\$260.

No ano seguinte, 1903, faltava pagar aproximadamente 5.000\$000, que o então superintendente procurou cobrir, pelo menos parcialmente, com uma subscrição popular que sómente atingiu a 985\$500.

Guilherme Krieger, recusando-se a colaborar, deu motivo a seu antagonista, ainda no Poder, a fazer declaração pública através de "O Novidades" de 4.3.1906.

Relacionando, agradece às pessoas que generosamente contribuíram para o resgate final da ponte, lamentando, todavia, que o sr. Guilherme Krieger, destacado

comerciante, largamente conceituado, com casa matriz e filial, possuindo carroças e cavalos, aproveitando diariamente a facilíssima comunicação, com nada contribuiu! Apesar do ataque direto e duro, Guilherme Krieger não reagiu, pelo menos oficial e publicamente. Certamente comentou o fato, irônicamente, esperando ocasião para um revide à altura.

Carlos Renaux passou o cargo no dia 1.º de janeiro de 1907 ao Cel. Guilherme Krieger. Poucos meses depois estampava "O Novidades" famosa "Carta Política" dirigida a Sua Excia. o Sr. Cel. Superintendente Municipal, assinada pelo Tte. Cel. Carlos Renaux.

(continúa no próximo número)

Subsídios à Crônica de Blumenau

Notas locais e noticiário extraídos do jornal "Blum. Zeitung" do ano de 1887

(Colaboração de FREDERICO KILIAN)

CORPO DE BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS — Por iniciativa do Sr. Fr. Lungershausen, constituiu-se aqui um corpo de bombeiros da Sociedade de Ginástica.

A bomba extintora foi confeccionada pelo Sr. Hiendelmeyer, de cujo estabelecimento — fundição de ferro e caldeira de cobre — já saíram os mais especializados artigos. Ao Sr. Lungershausen merece o louvor e agradecimento da população pela sua iniciativa e de ter adquirido às suas expensas a bomba extintora. Queira Deus que tanto o corpo de bombeiro, como a sua bomba nunca tenham que entrar em ação em nossa cidade. (Do Bl. Ztg. Nr. 7 de 12.2.1887)

x x x

FERNANDO HACKRADT — No dia 22 de Fevereiro de 1887, faleceu em Desterro (hoje Florianópolis) o Senhor Fernando Hackradt, com a idade de 70 anos incompletos. Conforme é do conhecimento o Sr.

Hackradt emigrou para o Brasil no ano de 1848 e foi o companheiro do Sr. Hermann Blumenau, na fundação da colônia de Blumenau. Mais tarde associou-se com o Sr. Julius Baumgarten, com o qual possuía um moinho, movido a vento, em Desterro. Foi êle o fundador do maior estabelecimento de importação da Província, a atual firma Carl Hoepcke & Cia., tendo ainda a satisfação de ver o enorme desenvolvimento da mesma após inúmeros transtornos que teve que vencer. Deixou viuva, um filho e um neto. (Bl. Ztg. Nr. 9 de 26.2.1887).

X X X

JOSÉ HENRIQUE FLORES — No dia 28 de fevereiro de 1887, faleceu em Gaspar o Ten. Cel. José Henrique Flores, com a idade de 86 anos. O falecido foi um dos primeiros moradores de Itajaí, onde atuou por mais de 50 anos. Todos que conheceram o extinto mais de perto e com ele tiveram relações, respeitavam-no e o tinham em grande consideração pelo seu carater de homem fino e íntegro. Nos últimos anos de sua vida, porém, teve o dissabor de ver-se injuriado e vítima de sordidas intrigas. Acusavam-no, seus adversários políticos, de ser um potentado de terras, querendo ainda negar-lhe as posses legítimas e documentadas sobre vastas áreas de terras. O Sr. Flores, já debilitado em sua saúde, deixara a cargo de seus filhos a defeza de seus direitos e também na política já ha mais de 10 anos não tomava parte ativa, se bem que sempre continuou fiel ao partido conservador ao qual pertencia. Nas eleições de 1884 preferiu até sujeitar-se ao vexame de uma prisão, do que mudar para o partido liberal. O senhor Flores sempre mostrou ser possuidor de um coração bondoso, pois onde podia, ajudava aos necessitados, o que inúmeras famílias poderão testemunhar. (Do Bl. Ztg. Nr. 10, de 5.3.1887).

— o —

Bl. Ztg. Nr. 16 de 19 de Abril de 1890: Sessão da Intendencia de Blumenau do dia 24 de Março de 1890. Aberta a sessão, foi lido um officio do Governador do Estado, comunicando que por ato do Governo, ficou autorizado o empresário da construção da Estrada Blumenau-Curitiba, a cobrar pedágio de acôrdo com o contrato firmado com o Governo.

— o —

Bl. Ztg. Nr. 10 de 8.3.1890: — Intendência Municipal de Blumenau: Sessão extraordinária de 14 de Fevereiro de 1890. — Pelo Sr. Presidente foram convidados os membros, Srs. Clasen e Rabe, comigo Antônio Haertel, Secretário para sessão extraordinária no dia 14 deste mês e ano, às duas horas da tarde. Reunida a Intendencia sob a presidência do S. Dr. José Bonifácio da Cunha e aberta a sessão compareceu o Dr. Pedro Celestino Felício de Araujo, apresentando uma portaria do Governo d'este Estado de 28 de Janeiro pela qual foi nomeado Juiz Municipal e de Órfãos deste termo, pediu que lhe fosse deferido o juramento devido. Imediatamente o Presidente deferiu-lhe o

juramento o que prestou nas mãos do mesmo. Terminado este ato, encerrou o Sr. Presidente a sessão.

X X X

EXPORTAÇÃO: — Segundo um levantamento feito nos livros da Prefeitura de Blumenau, as exportações de Blumenau, no quadriênio de 1883-1887 importaram nas seguintes quantidades:

Banha — 366.577 kg.; Carne — 76.628 kg.; manteiga — 252.966 kg.; Açúcar — 535.576 kg.; Fumo — 42.299 kg.; toucinho — 2.073 kg.; Cera — 1.054 kg.; Farinha de mandioca — 3.396 sacos; milho — 3.505 sacos; Batatas inglesas — 386 sacos; Aguardente — 125.735 litros; Vinho — 3.408 litros; Charutos — 4.397.000.000. Colros — 1.748 peças; Táboas — 30.998 dúzias; madeira para construção — 32.506 palmos. (Do Bl. Ztg. Nr. 33 de 13.8.1887).

X X X

LUDWIG RISCHBIETER — No dia 11 de agosto de 1887, faleceu em Blumenau, em avançada idade de 77 anos, após longo período de enfermidade, o senhor Ludwig Rischbieter. O estinto emigrou para Blumenau no ano de 1862 e durante muitos anos dedicou-se à agricultura submetendo-se ao árduo trabalho da lavoura em cuja atividade encontrou mais espinhos do que rosas, tendo deixado, na Alemanha, uma proeminente posição, para enfrentar, a perigosa e difícil vida de colono. Sómente nos fins de 1879 sua vida se tornou mais amena porquanto que veio morar em companhia de seus filhos o cervejeiro senhor Carl Rischbieter, na séde da colônia onde passou os últimos anos de sua vida. O estinto foi nos anos idos um ativo colaborador de diversos jornais, combatendo em seus artigos, voluntariamente, a ação dos guelfos, tendo ainda a satisfação de saber da anexação de Hanover quando já se achava distante de sua terra natal e enraizado aqui no Brasil. O senhor Rischbieter deixou viúva, 7 filhos maiores, 29 netos e um bisneto. (Bl. Ztg. Nr. 33 de 13.8.1887)

X X X

ACIDENTE DE TRÂNSITO — Conforme notícia o jornal "Blumenauer Zeitung", Nr. 40 de 1º de outubro de 1887, ocorreu no domingo, dia 23 de setembro, um grave acidente de trânsito na rua principal da cidade de Blumenau. A viúva Johanna Dankwardt, de 56 anos de idade, foi atropelada pela carruagem pertencente ao barão von Kopy, conduzida por seu boleeiro, recebendo tão graves ferimentos que a vítima, apesar da imediata assistência médica, veio a falecer na terça-feira, dia 25 daquele mês. Comenta ainda o jornal que nessas noites lindas de primavera, como naquele domingo, nossa principal rua costuma estar muito movimentada (note-se que naquela época não havia calçadas nem vias laterais para pedestres) e assim talvez não foi possível ao boleeiro desviar a tempo o seu veículo, outrossim a mouquice da idosa senhora, que não ouviu a aproximação da carruagem, contribuiu certamente para o acidente. A acidentada já há vários anos exercia a função de governanta na casa do comerciante Sr. Hermann Hering e era muito estimada por todos que a conhe-

ciam, pois ela era muito obsequiosa e conversadeira. Finalisa a nota do jornal com a seguinte advertência: "Que este fato sirva de lição, pois dado o constante aumento de movimento de veículos em nossa rua principal, facilmente tais acidentes poderão futuramente ocorrer com frequência".

NOTAS LOCAIS:

Conforme anuncios publicados no jornal "Blumenauer Zeitung" em 1887 vigoravam, para diversos produtos e mercadorias os seguintes preços:

CHIFRES -- com pontas, cada: \$080 réis; CHIFRES sem pontas: \$030 réis; OSSOS, a arroba (15 kg.) em bom estado: ,160 réis; CAL fresco, o sacco a 1\$700 réis; a concorrência já oferecia CAL de ótima qualidade, por 1\$300 réis o sacco.

Em reunião dos açougueiros, foram fixados os seguintes preços de carnes e derivados:

CARNE de boi, de 1º. qualidade, (não carne magra) o quilo por \$280 réis; OSSOS, a arroba (15 kg.) em bom estado: \$160 réis; CAL fresco, toucinho, o kg. por \$360 réis; TOUCINHO FRESCO, o kg. por \$440 réis o kg., CARNE SECA, a arroba (15 kg.) por 6\$500 réis; no atacado, a arroba a 5\$000 réis; LINGUIÇAS — SALSICHAS, bem defumadas, o kg. por \$800 réis; CHOURIÇO DE FÍGADO e MURCELA, o kg. por \$560 réis; PRESUNTO DEFUMADO, o kg. por 1\$000. ARROZ, a arroba (15 kg.) era vendido por 1\$800; A FARINHA DE TRIGO estava sendo oferecida ao preço de 4\$000 a arroba; ARENQUE (importadas) a 1\$000 réis a dúzia!

"Consolidação das Leis Civis do Império do Brasil" e "O Código Criminal" ambos traduzidos para o alemão por Augusto Müller — 2 vol. brochados, por 2\$000 réis. SEMENTES DE MOSTARDA -- (oferta para compra) a quarta (1/8 de sacco), por 1\$500 réis (ou seja, o sacco por 12\$000). Outro negociante pagava 2\$500 réis pela quarta. Num leilão estavam à venda — uma vaca com bezerro, por 40\$000 réis; outra vaca preta e branca (raça holandeza), por 40\$000 réis; uma novilha, por 25\$000 réis; um touro, por 10\$000 réis; outro touro, por 8\$000 réis; um lote de terras, com casa à margem direita do Rio Itajaí, por 250\$000 réis.

Os preços das PASSAGENS no vapor "Corrientes" da Hamburg-Südamerikanische Dampfschiffsfahrtgesellschaft, custava do porto de S. Francisco para

| | 1º. Classe | 3ª Classe |
|-----------------------|--------------|---------------|
| SANTOS | 20\$000 réis | 10\$000 réis |
| RIO DE JANEIRO | 50\$000 réis | 25\$000 réis |
| BAHIA | 80\$000 réis | 40\$000 réis |
| LISBOA - Libra Est. | 25.- | 80\$000 réis |
| HAMBURGO - Libra Est. | 30.- | 125\$000 réis |

CENTENÁRIO RELIGIOSO EM ASCURRA

José E. Finardi

A nove de outubro próximo, transcorrerá o centenário da vinda do primeiro sacerdote em visita a Ascurra, na pessoa de Pe. José Maria Jacobs, designado vigário de Blumenau no ano anterior.

Para comemorar condignamente o importante acontecimento, serão promovidas pela população de Ascurra, tendo a frente os Padres Salesianos, grandiosas festividades religiosas com a presença de altas autoridades eclesiásticas de Santa Catarina e de outros Estados.

A propósito do evento, ocorreu-nos recordar um dos numerosos episódios inco-muns da vida desse sempre lembrado cura d'al-mas, que tanto lutou em prol do desenvolvi-mento religioso e cultural de Blumenau, mais particularmente dos italianos das colônias de Ascurra, Rodeio e Rio dos Cedros.

Militando ele em favor dos monarquistas e reverberando do púlpito, com inaudita agressividade os partidários da recém-proclama-da República, grangeou-lhe isso numerosos inimigos que, visando silenciá-lo, moveram-lhe três processos, um dos quais, decorrente de haver realizado um casamento no religioso antes do civil, resultou na condenação a três meses de prisão, executada esta em Ascurra, na casa de seu amigo Giovanni Buzzi, onde havia se homiado.

Cutro processo se relacionava a uma cerca que o Padre insistiu em construir de-frente à Igreja, em desacordo com as deter-minações regulamentares.

Possuimos o original da "Contra-fé" expedida no processo ins-taurado, de cuja leitura se poderá deduzir o carater independente e be-licoso de Pe. Jacobs: Se como sacerdote — extremamente dedicado ao apostolado, era humilde para com os humildes, como homem e para os poderosos, era autoritário, intolerante, ríspido, para não dizer mal-criado.

Eis o histórico documento:

"CONTRA-FÉ — Cidadão Dr. Juiz de Direito da Comarca de Blume-nau. Ordeno sejam intimadas as testemunhas sob pena de desobediên-cia e o Réo sob as de revelia para o dia que o Escrivão designar, sciente o Promotor Publico. Blumenau, 20 de Outubro de 1891. Manuel Ca-mara. — O Promotor Publico d'esta Comarca, usando das attribui-



Pe. José M. Jacobs

ções que a lei lhe confere, vem perante vós denunciar o Vigário Padre José Maria Jacobs, brasileiro, pelo crime que passa a expor: No dia dezessete do corrente mez e anno, a tarde, tendo-se dirigido o Dr. José Bonifacio da Cunha, Presidente da Intendencia Municipal à propriedade da casa de morada do Vigario Padre José Maria Jacobs, na rua 15 de novembro, afim de fazer cumprir uma deliberação do Conselho de Intendencia, relativa a um contracto já findo, que, tinha com a Municipalidade, o mesmo Padre, e levando consigo uma praça de Policia que requisitára verbalmente do Delegado para precaução, visto ir fazer cumprir uma Postura violada reincidente e propositalmente, foi a referida autoridade Municipal desrespeitada e desacatada pelo Padre José Maria Jacobs, que disse em altas e ameaçadoras vozes: — "que não o reconhecia, não o respeitava e não o obedecia", — oppondo-se alem disso com outras pessoas á prisão que a praça de policia tentára á ordem superior, fazer de um dos trabalhadores, dizendo em arrogante e provocador tom que — a fosse effectuar o Delegado de Policia. E como com este procedimento, Desacatando e errompendo isso uma via publica contra uma autoridade que necessita de todo o prestigio para fazer cumprir a lei, o denunciado commetteu o crime previsto pelo artigo 134 do Codigo Penal vigente, offerece o Promotor Publico a presente denuncia para afim de julgada provada, ser o denunciado punido como médio das penas no referido artigo, visto não terem concorrido circunstancias aggravantes. Assim Pede vos que autoada proceda-se aos mais termos para formação da culpa inquerindo-se as testemunhas arroladas, as quaes devem ser citadas para depor no dia e hora que for designado com sciencia do denunciado. Fl. R. Mcê. Rol das testemunhas: 1) Hermann Baumgarten, 2) Guilherme Murphy, 3) Gustavo Baumgart, 4) Frederico Roler, 5) Henrique Steinert, 6) João Steinert. As quatro primeiras residentes na séde desta Villa e as outras no lugar Velha. Blumenau, 19 de Outubro de 1891. O Promotor Publico — Francisco Antonio Oliveira Margarida. Certidão. Certifico que marquei o dia vinte e dous do corrente às onze horas da manhã no Paço da Intendencia Municipal para a presente formação de culpa. O referido é verdade do que dou fé. Blumenau, 20 de Outubro de 1891. Eu, Fides Deeke, escrivão o escrevi. Fides Deeke. Está conforme. O Escrivão: Fides Deeke".

O processo em referênciã resultou na condenação do Padre a pagar Rs 188\$000 de custas processuais.

PRESERVAÇÃO DO MEIO AMBIENTE

"Blumenau em Cadernos" registra, com muita satisfação, o recebimento, pela Direção Executiva da Fundação "Casa Dr. Blumenau", de uma valiosissima coleção de slides contendo 80 peças e uma fita gravada, enfocando aspectos ecológicos e mostrando as consequencias resultantes da falta de proteção ao meio ambiente para a sobrevivencia humana. A remessa foi feita pelo General Jardro de Alcantara Avellar, do Instituto Histórico Militar do Rio de Janeiro, a quem agradecemos.

Técnicas museológicas para alunos do 2. grau

É grande nos museus brasileiros carência de pessoal habilitado, quer para as funções de museólogo, quer para a pesquisa e, quer ainda, para a orientação ao público, como cicerone ou guia. Há contudo um certo número deles que já proporciona aos seus frequentadores para acompanhá-los através de suas exposições, um guia, o qual, na maioria das vezes, mercê a memorização de algumas informações da ao visitante visão panorâmica daquilo que se encontra exposto, além de, conforme o caso estender-se em considerações maiores sobre um objeto de excepcional valor. É evidente que o museólogo, com formação universitária seria melhor indicado para essa tarefa. E seria aconselhável quando tratasse de visitantes especialmente qualificados. Mas não seria normal desviar para essa incumbência, embora se situe no amago da função de um museu, um profissional de qualificação universitária. Daí acreditar-se que o 2º. grau de escolarização seria capaz de proporcionar aos museus, pessoas suficientemente qualificadas para abrir ao visitante a possibilidade de ver, com profundidade, subindo para além da mera curiosidade superficial. O nível médio é o nível próprio de cultura geral, da abertura da inteligência para os grandes problemas humanos e para as grandes expressões do belo.

Nele a formação de 'comunica-

ção e expressão", a tomada de contato com as grandes linhas da arte e da história, a iniciação na pesquisa e no trabalho intelectual; o aprimoramento da faculdade de julgar e discernir, o apuro e o amadurecimento do gosto e da sensibilidade para o belo. Também pode ser o tempo dos primeiros ensaios de especialização, o qual vale dizer, da formação profissional e técnica. As técnicas fundamentais do trabalho de museus se harmonizam excelentemente com a formação do adolescente e até lhe prestam valioso auxílio. Talvez fosse então apropriado para a pessoa em condições de assumir as tarefas acima mencionadas a denominação de "Guia de Museu", cuja formação estará perfeitamente ao nível de 2º. grau. Para esse formando haveria então campo de trabalho. Por outro lado se considerarmos como referência a excelente publicação da UNESCO - L' Organisation des Musées (1959), encontramos no seu capítulo III a indicação do quadro de pessoal necessário para o bom funcionamento de um museu pequeno, médio ou grande, no qual além da figura do conservador, do qual se exige um título universitário, se possível, unido a uma formação ou experiência para o ensino médio ou superior, consta a do conservador adjunto e ainda a do assistente.

(Do Boletim do Museu Paranaense - Vol. 5 nº. 20).

A opinião dos que nos visitam

"Blumenau é linda, o povo é bastante acolhedor e esse museu é uma fofura, parece que vivi nesses tempos, é bom voltar ao passado, ver as coisas antigas como eram puras, tudo é muito acolhedor. Gostaria que todos pudessem participar das alegrias e oportunidades que estou tendo. Mais um dia, mais experiência de vida" — Selvia Kezek Andery — Campinas, São Paulo.

"Isto é bem para mim, será muito melhor para meus filhos. Parabéns". — Raimar A. Bottega — Ponta Porã — Mato Grosso.

"Gostaria de encontrar em todas as cidades brasileiras algo que dissesse tão bem de sua formação quanto êste museu nos disse de Blumenau e de seu povo. Obrigada". — Flavia Neide e Alexandre Cabral — Rio de Janeiro.

"Blumenau, parabens pelo museu que tem!". — José Carlos e Neuza — Londrina, Paraná.

"Feliz o país que teve como filha uma pessoa como Edith Gaertner que possibilitou e preservou esse acervo de cultura". — Gil Batista — Jundiá, São Paulo.

"Nos foi de grande proveito nossa visita a Blumenau, pois encontramos uma cidade encantadora, depositária de uma parcela da eterna cultura alemã. Este museu é um exemplo vivo que deveria ser seguido em nosso país, por todos aqueles que amam e respeitam as nossas tradições". — Antônio Nunes — Malveira e Luiza Azevedo Malveira. — Rio de Janeiro.

"O que me foi dado ver, bem mostra que o Brasil é grande no presente e imortal pela sua tradição e passado, reconhecido sou por aqueles que nos legaram as maravilhas que hoje vemos, valorizados por homens que desbravaram esta terra e que hoje se impõe pelo seu progresso e valor no conceito das nações do mundo". — F. S. — São Paulo.

"Somente as pessoas de sensibilidade sabem guardar suas recordações, suas raízes. Parabens ao povo de Blumenau". — M. Lemos — Rio de Janeiro.

"Conhecendo vários outros museus por este Brasil à fora, chegamos a uma só conclusão: que este museu, embora pequenino, soube mostrar e guardar as belezas e relíquias desta fabulosa cidade" — Renato Bortoloni — Santo André — São Paulo.

"Olhando e lendo os dizeres da placa de Maximiliano Maciel: — "Infelizes os individuos que renegam as suas tradições, quaisquer que lhes sejam elas!" "sinto-me feliz no ver o trabalho de certas pessoas, procurando mostrar às gerações futuras, a luta daqueles que ergueram este cantinho do Brasil! Procurando entender o espírito da época através da atmosfera envolvente desta casa, saio com profunda tristeza de não ter sido também um colonizador, um desbravador para melhor compreender a história que se esconde atrás de cada objeto.

Aos amantes da natureza e do folclore brasileiro uma liçãozinha de trabalho, que terá e já teve sua recompensa". — Ricardo Gerk — São Paulo".

"São Paulo, 9 de junho de 1977. — Paulista, filho de catarinenses, visitei recentemente o Estado natal de meus pais, após uma ausência de mais de 40 anos. Percorri, entre outras regiões, quase todo o Vale do Itajaí.

Fiquei encantado! Um verde gentil cobre as planícies, as colinas e as montanhas; casas, não..., lares acolhedores; trabalho ardeiro e tranquilo por toda a parte; e o linguaiar gostoso do povo. Tive vontade de deixar a minha poluída e hostil São Paulo e voltar ao chão de origem.

Retornando à Paulicéia, fui ver um filme que aqui está sendo exibido e que pretende tratar de infiltração nazista no Sul: "Aleluia, Gretchen". Fiquei profundamente chocado e revoltado! A obra é uma incitação contínua ao ódio, ao preconceito, à discriminação.

Das bocas de personagens que representam alemães ou teuto-brasileiros saem umas após outras ofensas e palavras de menosprezo ao Brasil e aos brasileiros, de tal modo que o público é insidiosamente levado a generalizar, no tempo e no espaço, a noção absurda de que "eles são assim mesmo". Tanto que as cenas finais sugerem que as sementes do nazismo e do anti-brasileirismo ali continuam.

E a realidade é tão outra! Eu acabara de constatá-lo pessoalmente. Toda a população está hoje plena e orgulhosamente integrada na brasilidade, e o que resta de teutônico é alimentado principalmente pela indústria do turismo. Quanto ao idioma, uns poucos velhos (pouquíssimos, se considerarmos toda a população) ainda se comunicam num alemão cheio de erros; os teuto-brasileiros adultos quase só falam português (em sítios isolados ainda falam em péssimo alemão); mas as crianças e adolescentes, quando abordados em alemão, quase sempre erguem os olhos com um sorriso embaracado. (E como para coroar esta sadia evolução, o foco de todo o ex-problema, a Alemanha Ocidental) foi recentemente eleita, por um corpo internacional de jornalistas, o país mais democrático da Europa).

É irresponsável e criminoso, portanto, provocar, hoje, preconceitos e discriminações contra os habitantes daquela região, por causa de denotáveis fatos ocorridos, em áreas isoladas, há cerca de 40 anos. É anti-brasileiro perturbar nosso contínuo e grandioso processo de irmanação. Nossas leis proíbem a discriminação ou a incitação à discriminação contra quaisquer grupos étnicos, raciais ou religiosos. Brancos, pretos ou amarelos; católicos, protestantes, espíritas, judeus ou budistas; descendentes deste ou daquele povo: todos devemos permanecer unidos como brasileiros. Cabe às autoridades não permitir a continuidade dessa campanha de dissensão e desagregação". — SIEGFRIED GEORG — Rua D^a Veridiana, 50, Apto. 111 — 01238 — São Paulo.

Clube Filatélico de Blumenau

'Blumenau em Cadernos' registra com imensa satisfação, o recebimento do exemplar nr. 21 do Boletim Informativo do Clube Filatélico de Blumenau. E registra também a agradável impressão que causou a roupagem nova e atraente de que é revestido o citado Boletim.

Nota-se, sem dúvida, o toque mágico do entusiasmo jovem e inteligente do advogado Renato Mauro Schramm. Aliás, na apresentação que faz do novo Redator, o presidente, que é um dos mais esforçados e abnegados propulsores do filatelismo em Blumenau e sustentáculo do Clube o engenheiro J. O. Berner, diz bem quando afirma acreditar que todos os associados do Clube haverão de aprovar a medida de empossar Renato Schramm no cargo de Redator. A nosso ver, estará em boas mãos e esse jovem idealista que já deu mostras de sua capacidade dinâmica de trabalho em outras atividades, vai obter mais um êxito agora na vice-presidência e na redação do Boletim Informativo do Clube Filatélico de Blumenau.

Na roupagem nova, o Boletim traz uma série de interessantes informações, assim como relaciona lançamentos novos na Alemanha Federal.

Muito interessante também, é a referência que faz aos lança-

mentos brasileiros, dentre os quais se destacam pela beleza e harmonia do conjunto estético do desenho, o do Centenário da Estrada de Ferro São Paulo-Rio de Janeiro (8/7/77) e do Cinquentenário da Fundação das Grandes Lojas Maçônicas Brasileiras (18/7/1977).

Ao fazermos esse registro e agradecer a remessa do Boletim, queremos, ainda, registrar a beleza da contra-capa, cuja foto mostra a colorida e sempre bela Avenida "Marechal Castelo Branco", a popular Beira-Rio, na plenitude de seu panorama noturno esplendidamente iluminado.

Ao conteúdo da carta que acompanhou a entrega dos exemplares do Boletim aqui na Fundação, queremos, ainda, transmitir ao Renato, com a nossa renovada admiração e amizade, aquela certeza que ele já revela no encerramento da mesma, de que ha de contar, sempre, com todo o apoio e incentivo da Fundação "Casa Dr. Blumenau" nos seus vários setores de atividade, assim como a guarida permanente e para nós honrosa em "Blumenau em Cadernos", pois fazer o que hoje o Clube Filatélico procura fazer, é dar uma colaboração muito valiosa em favor da marcha da hitsória de Blumenau!

“Minha estada na Colônia Da. Francisca”

ELLY HERKENHOFF

(continuação)

II — Assim se expressa o Dr. Blumenau, à página 12 de seu LIVRO:

“A grande massa de imigrantes alemães, dispostos a promoverem a lavoura pela força de seus próprios braços, faz bem em evitar o Brasil Tropical. Deverá optar, como o mais setentrional ponto de desembarque, pelo porto de Santos, na provincia de São Paulo. Deverá evitar, igualmente, todo o litoral baixo e úmido da mesma provincia — aliás já bastante habitado por brasileiros. E deverá evitar, finalmente o triângulo compreendido entre os rios Saí Grande e São Francisco do Sul, na provincia de Santa Catarina — embora ali exista bastante terra para cessão gratuita, por parte do governo. Devido à sua situação baixa e a má qualidade da água, surge ali frequentemente a febre intermitente, o que motivou a má reputação daquela faixa. Mais para o interior e mais para o sul, a terra, porém, se eleva, torna-se colinosa e montanhosa sendo assim as suas condições de saúde mais propicias ao colono alemão. Restam portanto, como recomendáveis aos emigrantes alemães: a provincia do Rio Grande do Sul, a provincia de Santa Catarina — com exceção do referido triângulo — e o planalto e as fraldas da serra da provincia de São Paulo regiões onde o colono encontra, de modo geral, um clima saudável, solo fértil, grande riqueza de produtos...”

— * —

Nenhuma referência, conforme vemos, à fracassada colonização francesa no triângulo do Saí. Tal omissão — evidentemente proposital — de início nos parece injustificável. Mas não esqueçamos que, àquela altura, quando Hermann Blumenau já se consagrara, de corpo e alma, à instalação de sua colônia às margens do Itajaí Açu, quando ele já tinha pleno conhecimento da projetada fundação da Colônia Dona Francisca, nas terras do Príncipe de Joinville, a emigração da Europa Central para os países de Além-Mar estava tomando impulso nunca antes verificado. Mas eram muitos os países a se empenharem no recrutamento de imigrantes alemães. Era a Austrália, era o Chile, era a Argentina, era o Canadá e eram os Estados Unidos, principalmente os Estados Unidos, que absorviam a maior quota — quase 90% — daquela interminável corrente migratória dos países de lingua alemã. E não é difícil imaginar que os muitos agentes nos muitos países interessados usavam de muitas armas — entre as quais a difamação — para atraírem os imigrantes e de muitas artimanhas para incitarem cada vez mais, as pessoas inclinadas — ou ainda não

inclinadas — a deixarem a Europa e "tentarem a sorte" no chamado "Novo Mundo".

— * —

Nestas circunstâncias, não lhe deve ter parecido tarefa das mais simples, justificar, num livro de propaganda destinado ao leitor alemão, o fracasso, mais um fracasso, de uma colônia estrangeira, naquele imenso e incógnito país existente nos confins do mundo — naquele Brasil dos selvagens, dos escravos, dos macacos, das serpentes...

Ou talvez lhe repugnasse admitir, de público, o malogro de uma colônia, exatamente na província de Santa Catarina, por ele considerada ideal para o colono alemão, por ele cognominada de "paraíso terrestre", à pg. 12 de seu "Sudbrasilien...", onde transcreve o conceito emitido no Dicionário Geográfico Brasileiro, à pg. 476, Vol. II.

De mais a mais, é de se crer que Hermann Blumenau não tenha encontrado nem o tempo, nem a calma necessários para uma revisão profunda do texto ali impresso. O historiador Carlos Fouquet, autor do livro "O Imigrante Alemão", recentemente lançado em alemão e em português, à pg. 76 de sua obra assim se refere ao "Sudbrasilien" — a mais importante publicação do Dr. Blumenau:

"Como explica o próprio autor, versa sobre assuntos diversos, além de trechos da Constituição do Brasil e outras leis, havendo sido tudo escrito durante uma viagem, em meio a uma série de afazeres diversos. Jamais o Dr. Blumenau encontrou tempo para escrever trabalho de fôlego. Incansavelmente laborou por sua colônia, de início com preocupações financeiras e no fim de seus dias angustiados pela lentidão com que progredia uma demanda que lhe foi movida'.

— * —

É certo que H. Koestlin e Hermann Blumenau se conheciam, pois em determinada passagem do seu relato, o nosso cronista, ao se referir à presença de índios nas redondezas de Dona Francisca, arremata, para tranqüilidade do leitor refastelado ao pé da lareira, naquele inverno de 1851 na Alemanha:

"As margens do Itajaí os índios também estão presentes e lá nunca houve nada. O Sr. Dr. Blumenau, a quem conheço e a quem muito estimo, é uma autoridade tranqüilizante de muito prestígio no caso".

Antes, porém, muito antes de se ocupar com os "bugres" existentes ou não nas terras do Príncipe de Joinville, o cronista nos fala de sua chegada a S. Francisco do Sul, da excelente acolhida por parte do S. Leonce Aubé, representante do Príncipe de Joinville, da excursão a cavalo pela ilha, e passa a descrever a viagem, no dia 1^o de fevereiro, de São Francisco a "Schroeder-sort" (Vilarejo de Schroeder)

— nome usado no início da colonização em homenagem ao senador Schroeder. Durante a viagem, tudo é motivo de encantamento: as pequenas ilhas povoadas de pássaros — regimentos inteiros de patos selvagens, fragatas, garças, garças brancas e azuis e até mesmo vermelhas. Ao longe, a extensa cadeia de montanhas e a cascata do Pirai, lançando-se do alto. Depois, já no rio Cachoeira, o mangue nas duas margens do rio — prova do terreno alagadiço. Depois, à medida que o terreno se eleva, as centenas e centenas de palmitos, simbolizando a pátria das palmeiras. E, enfim a floresta tropical em toda a sua beleza imaculada.

“A partir da confluência do Bucarein e do Cachoeira”, escreve o autor, “onde começam as terras da colônia e se adentra o Cachoeira, as margens vão se aproximando, a floresta se inclina sobre as águas e elevações surgem junto às margens. É nessa confluência que se deveria localizar a cidade e para ali será ela transferida, porque, partindo da baía, onde os navios maiores podem ancorar junto ao Saguacu, viaja-se comodamente em canoas e mesmo em embarcações maiores no espaço de uma hora, evitando, assim, o percurso mais demorado até o atual núcleo — percurso dificultado por grandes pedras durante os períodos de maré baixa”.

IX Simpósio da Associação Nacional de Professores Universitários de História realizado em Florianópolis

O IX Simpósio da Associação Nacional dos Professores Universitários de História foi realizado de 17 a 23 de julho, em Florianópolis, reunindo cerca de 800 participantes, de todo o país, entre professores universitários, secundários e estudantes dos cursos superiores de História.

A realização do conclave contou com a colaboração das Universidades Federal e para o Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina, Governo do Estado e da Prefeitura Municipal de Florianópolis.

O tema central deste IX Simpósio da ANPUH foi “O Homem e a Técnica”, em torno do qual giraram as 61 comunicações apresentadas durante as 20 sessões de

estudo que foram realizadas durante o seu desenrolar. Paralelamente, foram desenvolvidos temas em 4 mesas redondas e, realizados, quatro cursos de extensão universitária.

Comunicações

As sessões de estudos, onde foram apresentadas e debatidas as comunicações, abrangeram as áreas de História Geral, do Brasil, Metodologia e Fontes Primárias e o elenco foi o seguinte:

História Geral: — Alexander Chung Yuang Yuang, (S) — O PRIMEIRO SISMÓGRAFO DO MUNDO; Nicholas Mu Yu Chen (SP) — NOTAS SOBRE A SEDA NATURAL: UM ESTUDO SOBRE SUA DIVULGAÇÃO E TÉCNICA; Beatriz Diniz e Yessai Ohannes

Kerouzian (SP) — A TÉCNICA DA VITICULTURA NA ARMÊNIA ANTIGA; Sun Shia Chin (SP) — A TÉCNICA DA PINTURA CLÁSSICA CHINESA; Niko Zuzek — RELÓGIO MECÂNICO; Yessai Ohannes Kerouzian (SP) — A CERVEJA NA ARMÊNIA ANTIGA e A TÉCNICA DOS MANUSCRITOS ANTIGOS NA ARMÊNIA; Darci Aparecida Dinis e Mary Chikerdemian (SP) — A TÉCNICA DA CERÂMICA NA ARMÊNIA; Gabriela Martin Souto Maior (PE) — CARUM E SALSAMENTUM: TÉCNICAS DA SALGA DE PEIXE NA ANTIGUIDADE; Maria Regina e Eurípedes Simões de Paula (SP) — A TÉCNICA AGRÍCOLA EM ROMA; Maria da Glória Alves Portal (SP) — COM RESPEITO A TÉCNICA MINEIRA NA HISTÓRIA ROMANA — PERÍODO REPUBLICANO; Shozo Motoyama (SP) — UMA ANÁLISE DO "DE RE METALICA" e O HOMEM E A TÉCNICA; Maria da Conceição Martins Ribeiro e Victória Kamestnikov El Murr — (SP) — A MADEIRA NA CONSTRUÇÃO RUSSA; Nachman Falbel (SP) — A CONTRIBUIÇÃO DE ABRAHAM ZACUTO PARA AS GRANDES DESCOBERTAS e O PAPEL DO ASTROLÁBIO E AS TABELAS ASTRONÔMICAS DO ASTRÔNOMO JUDEU; Jaime Pinsky (Campinas) — O OPERÁRIO JUDEU NO IMPÉRIO RUSSO: POLÍTICO E MANUFATURAS; Jaciro Campante Patricio (Marília) — SIGNIFICATIVAS CONOTAÇÕES ENTRE TÉCNICAS DE MINERAÇÃO E PRODUÇÃO ARGENTÍFERA ARGENTINA (1550-1650);

História do Brasil: David

Rabelo (Franca) — TELÉGRAFO NO BRASIL... UMA TÉCNICA ANTIGA NAS COMUNICAÇÕES; Alice Piffer Canabrava (SP) — O CONCEITO DE INDÚSTRIA (Primeira metade do século XIX; Antônio Emilio Munis Barreto (SP) — AS TÉCNICAS ARTESANAIS NA OBRA DE SAINT HILAIRE, AS TÉCNICAS DE MINERAÇÃO NA OBRA DE SAINT HILAIRE e A METALURGIA NA OBRA DE SAINT HILAIRE; Helga Picollo (RGS) — A TÉCNICA NOS NÚCLEOS COLONIAIS DO RIO GR. DO SUL; Victor Valla — ORIGENS EXPLICITAS DA POLÍTICA CIENTÍFICA BRASILEIRA, Maria da G. Santana de Almeida (SE) BITTENCOURT CALAZANS E A TÉCNICA AÇUCAREIRA EM SERGIPE (sec. XIX) e RESISTÊNCIA ÀS TRANSFORMAÇÕES TÉCNICAS NA CULTURA CANAVIEIRA (província de Sergipe, 1860-1975); George P. Browne (USA) — TECNOLOGIA, IMIGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DE BLUMENAU; Walter F. Piazza (UFSC) — O HOMEM E A TÉCNICA, A EVOLUÇÃO DE UMA ESTRADA; Alice Piffer Canabrava, Francisco Vidal Luna e Iraci del Nero da Costa (SP) — A ESTRADA E O DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO; A ESTRADA SÃO PAULO-SANTOS; Helena Pignatari Werner (SP) — O PRIMEIRO VÔO NA AMÉRICA DO SUL; Maria Barbara Levy (R. J.) — EVOLUÇÃO DO PREGÃO: Técnica para um mercado eficiente; Diana Maria de Faro Leal Dinis (SE) — EXPERIÊNCIAS INOVADORAS DA CULTURA ALGODOEIRA EM SERGIPE (1921-1929); Ana Maria Zammataro de

Aguiar Pupu, Ilhana Blaj e Euclides Macchi (SP) — DISCUSSÃO ACERCA DE UMA POSSÍVEL POLÍTICA INDUSTRIALIZANTE DE GETÚLIO VARGAS DE 1930 à 1937; Joubran El Murr e José Oscar Beozzo (SP) — RESUMO DE ESTUDO SOBRE A PRESENÇA ÁRABE NA REGIÃO NOROESTE DO ESTADO DE SÃO PAULO: técnicas trazidas pelos imigrantes. Wilson Pires — SÃO LUÍS DE ALCÂNTARA.

Medologia: Carlos Alberto dos Santos (PR) — A SEMIOLOGIA E A HISTÓRIA — Fichário - Imagem como procedimento e tratamento gráfico da informação. Os componentes do preço do escravo nos mercados paranaenses 1860-1887; Carlos Humberto P. Correa (UFSC) — O PRORAMA DE HISTÓRIA ORAL NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA; Emanuel Soares Veiga Garcia (Franca) — CURRÍCULO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA; Holien Gonçalves Bezerra e Vera Hercília Faria de Pacheco Borges (S) — PROPOSTA PARA UM CURRÍCULO INTEGRADO DE HISTÓRIA; José Bueno Conti (SP) — A REFORMA DO ENSINO EM 1971; José Carlos Sebe Meihy (SP) — A TÉCNICA COMO ELEMENTO DE ANÁLISE HISTÓRICA, LITERÁRIA E ECONÔMICA; José Jobson de Andrade Arruda (SP) — HISTÓRIA ECONÔMICA: problema de método e de pesquisa; Lawrence James Nielsen (UFSC) — UMA METODOLOGIA DE PESQUISA PARA A HISTÓRIA DEMOGRÁFICA; José Jobson de A Arruda (SP) — AS BARREIRAS DE

CUBATÃO; Antonieta Aguiar Nunes — O ENSINO DE HISTÓRIA; Raquel Glezer — A HISTÓRIA E ESTUDOS SOCIAIS; Américo Augusto da Costa Souto — UM MODELO DIDÁTICO PARA A HISTÓRIA MODERNA E CONTEMPORÂNEA;

Fontes Primárias: Dalisia Elizabeth Martins Gole (GO) — FONTES RELATIVAS A ESCRAVIDÃO EM PIRENÓPOLIS. Diana Maria de Faro Leal Dinis e Maria da Glória Santana de Almeida (SE) — LEVANTAMENTO PARCIAL DAS FONTES PRIMÁRIAS DO ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SERGIPE; Djaniara Maria Martins de Andrade (UFSC) — FONTES PARA O ESTUDO DA HISTÓRIA EM SANTA CATARINA; Eliane Garcindo Darel (GO) — OESTE: IDEOLOGIA E HISTÓRIA; Maria Beatriz Nizza da Silva (SP) — A IDADE DE OURO DO BRASIL E A DIVULGAÇÃO TECNOLÓGICA; Alice Piffer Canabrava (SP) — UMA FAZENDA MODELO NA PROVÍNCIA DE SÃO PAULO... 1863; Francisco Vidal e Iraci del Neto Costa (SP) — A CONTRIBUIÇÃO DA "REVISTA HISTÓRICA" PARA O ESTUDO DAS TÉCNICAS; Iraci Galvão Sales e Terezinha de Jesus Arruda (MT) — PERSPECTIVAS DE UM TRABALHO EM LEVANTAMENTO DE FONTES HISTÓRICAS, EM MATO GROSSO; Loraine Slomp Giron e Berenice Corsetti (RGS) — LEVANTAMENTO DAS FONTES PRIMÁRIAS NA REGIÃO COLONIAL ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL; Mônica Hirst (RJ) — UM GUIA PARA A PESQUISA HISTÓRICA NO RIO DE JANEIRO

RO; Nelson Heidiki Nozoe e Ronaldo Marques dos Santos (SP) — O HOMÉM E A TÉCNICA NA "REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE S. PAULO; Renato da Costa Pacheco (ES) — LEVANTAMENTO DE FONTES PRIMÁRIAS; Cleusa Terezinha Ramos Socas e Valmir Martins (UFSC) — LIVRO DOS ENGENHEIROS (fonte primária para a História de Santa Catarina).

Mesas Redondas

As mesas redondas, realizadas, versaram sobre os seguintes temas: 1) — A História no currículo dos cursos de graduação das Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, 2. A História e o problema dos Estudos Sociais; 3. Os cursos de pós-graduação em história; 4. As novas técnicas do ensino da história em nível superior.

Cursos

Durante o desenvolvimento do Simpósio, foram realizados cinco cursos, a saber: "Problemática Social da República Romana no Século II A. C.", pelo professor Armando Souto Maior; "A Primeira República 1890-1930", pelo professor Antônio Emílio Moniz Barreto; "Política Econômica e Monarquia Ilustrada" — "A Época Pombalina", pelo professor Francisco José C. Falcón; "História da Brasileira" — "Proble-

mas Metodológicos", pela professora Ana-Maria de Almeida Cargato e "História de Santa Catarina", por uma equipe de professores da Universidade Federal de Santa Catarina, integrada por Walter Fernando Piazza, Lawrence J. Nielsen, Roselys Correa dos Santos, Victor A. Peluso Junior, Carlos Humberto P. Corrêa e Jali Meirinho.

Eleição da Diretoria

No decorrer do Simpósio, em Florianópolis, foi eleita a Diretoria da ANPUH, para o período 1977/1979 e que ficou assim constituída:

Presidente: Eurípedes Simões de Paula;

Vice-Presidente: Aidil C. Preis;

Secretário Geral: Alice P. Canabrava;

Secretário: Antônio Moniz Barreto;

1º. Tesoureiro: Walter F. Piazza;

2º. Tesoureiro: Helga Picollo;

Relações Públicas: Maria Regina Simões de Paula.

Comissão Consultiva:

Amauri Vasconcelos (PB); Francisco Calazans Falcón (RJ), Renato Pacheco (CE), Ofir Martins Duarte (PA), Dalisia Martins Dolles (GO), Altiva P. Balhana (PR), Déa Ribeiro Fenelon (SP), Maria Dalva Versiani Aguiar (MG) e Fernando A. Novaes (SP).

Sr. HERCILIO DEEKE

É com o maior pesar que "Blumenau em Cadernos" registra o falecimento do Sr. Hercílio Deeke, ocorrido no dia 19 do corrente mês.

O ilustre falecido, que, em sua longa vida pública ocupou destacadas funções no legislativo municipal, federal e na administração do município assim como as funções de Secretário da Fazenda do nosso Estado, foi um dos grandes benfeitores da Fundação "Casa Dr. Blumenau", cujo Conselho Curador presidiu até fins de 1976, do qual afastando-se então já por força de seu precário estado de saúde.

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal Nº. 1835, de 7 de abril de 1972

Declarada de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº. 2028 de 4/9/74

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425

89100 B L U M E N A U

Santa Catarina

Instituição de fins exclusivamente culturais

São objetivos da Fundação:

Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;

Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;

Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;

Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;

Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;

Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;

A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", mantém:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"

Arquivo Histórico

Museu da Família Colonial

Horto Florestal "Edite Gaertner"

Edita a revista "BLUMENAU EM CADERNOS"

Tipografia e Encadernação

(exclusivamente para serviços internos)

Conselho Curador: *Contabilista Elimar Baumgarten - presidente*
Jornalista Honorato Tomelim - vice-presidente

Membros: *Jornalista Altair Carlos Pimpão - Prof. Antônio Boing Nelo -*
Comerciante Arno Letzow - Advogado Beno Frederico Weiers -
Repres. Comercial Heinz Hartmann - Prof. Nelo Osti - Prof.
Olívio Pedron - Repres. Comercial Otto Laczynski e Industrial Rolf Ehlke

Diretor Executivo: *Escritor José Gonçalves*

A CADA ESTAÇÃO, UM NOVO SUCESSO.



As malhas Hering, leves e macias, dão liberdade de movimentos no verão.

Afastam o tédio e a tristeza nos dias outonais.

De puro algodão com fio penteado, aquecem carinhosamente no inverno.

Como a primavera, são coloridas e alegres.

Passa o ano todo com MALHAS HERING.

Scriba

 malhas
Hering